



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Lula pede a Putin ajuda para trazer brasileiros

Os dois presidentes conversaram sobre continuar empenhando esforços a fim de que o auxílio comece a fluir para a Faixa de Gaza. Isso abriria a possibilidade para o grupo de pessoas que está retido próximo à fronteira com o Egito ser repatriado

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversou, ontem, com o líder russo Vladimir Putin e pediu ajuda para a construção de um canal de ajuda humanitária na Faixa de Gaza e pelo qual um grupo de 30 brasileiros possa sair rumo ao Egito, onde um avião da Presidência da República os aguarda para serem repatriados. O governo já conseguiu trazer de volta mais de 1.400 brasileiros que estavam em Israel — o oitavo voo na madrugada de ontem, na Base Aérea do Galeão, vindo de Tel Aviv.

“O cenário de rápida deterioração da zona de conflito entre Palestina e Israel foi discutido em detalhes, com profunda preocupação com o crescente número de fatalidades civis e ênfase na importância crítica de se conseguir um cessar-fogo, evacuando estrangeiros da Faixa de Gaza e garantindo acesso irrestrito ao enclave”, afirma nota do governo russo.

Lula e Putin concordaram que os reféns capturados pelo grupo terrorista Hamas — muitos dos quais estrangeiros ou com dupla nacionalidade — devem ser libertados o quanto antes. O presidente russo também comentou a proposta costurada pelo Brasil ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para permitir a abertura dos corredores humanitários e criticou o veto dos Estados Unidos — embora a Rússia tenha optado por se abster na votação. Assim como Lula, Putin também lamentou que não haja acordo pela “Solução de Dois Estados”, ou seja, a coexistência pacífica entre a Palestina e Israel.

Leste Europeu

Os dois trataram também sobre a guerra da Rússia contra a

Um encontro com cinco anos de atraso

Ricardo Stuckert/PR



No dia em que voltou a despachar no Palácio do Planalto, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu o compositor e baixista Roger Waters, um dos fundadores da histórica banda de rock progressivo Pink Floyd. Participaram do encontro a primeira-dama Janja e o músico e ator Paulo Miklos, dos Titãs. Waters está em Brasília para se apresentar em sua turnê de despedida, This is Not a Drill, hoje, no Estádio Mané Garrincha. Ele é conhecido por posições consideradas de esquerda, pacifistas e antifascistas. Nas redes sociais, Lula lembrou do período em que ficou preso, em Curitiba, e Waters tentou visitá-lo na sede da Polícia Federal — onde estava detido. “Há cinco anos, Roger Waters tentou me visitar em Curitiba e foi impedido. Hoje, quando ele retorna ao Brasil, nos encontramos no gabinete da Presidência no Palácio do Planalto”, escreveu o presidente.

Ucrânia, que se estende há mais de um ano. Desde que chegou à Presidência, Lula vem defendendo a criação de um grupo de países neutros para mediar o conflito e tentar construir um acordo de paz. O Kremlin reconheceu, em nota, os esforços brasileiros por uma solução política e diplomática, mas atribuiu o prolongamento do conflito à “política destrutiva do regime de Kiev

e seus apoiadores ocidentais”. “Sobre o conflito com a Ucrânia, o presidente Lula reafirmou a disposição do Brasil para ajudar em qualquer mediação quando os lados envolvidos estiverem dispostos a falar de paz”, disse o Planalto. O governo russo, por sua vez, “reafirmou a abertura ao diálogo, desde que as exigências declaradas pela Rússia sejam cumpridas pelas autoridades de

Kiev e que as novas realidades sejam levadas em conta”.

A posição sobre a guerra no Leste Europeu rendeu críticas a Lula — suas afirmações a respeito do conflito foram classificadas pró-Rússia. O presidente brasileiro chegou a sugerir, por exemplo, que a Ucrânia cedesse parte do território invadido em troca de um acordo de paz, ideia rejeitada com veemência

pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky. Para Lula, a continuação do conflito somente demonstra que tanto russos quanto ucranianos “querem continuar com a guerra” e não estão abertos ao diálogo nem à moderação de um grupo de países não alinhados pela construção de um esforço de paz.

Leia mais na página 9

Brasileiro desaparecido

O Ministério das Relações Exteriores (MRE) confirmou, ontem, o desaparecimento de mais um brasileiro na guerra entre Israel e o Hamas, na Faixa de Gaza. Michel Nisenbaum, 59 anos, tem dupla cidadania — israelense e brasileira. Ele não é visto desde 7 de outubro — quando o grupo terrorista entrou no território israelense e assassinou várias pessoas — e são poucas as informações sobre onde ele foi visto pela última vez.

O embaixador do Brasil em Tel Aviv, Frederico Meyer, confirmou com as autoridades locais o status de desaparecido de Michel. O MRE, porém, já tinha sido alertado pela família do brasileiro e pela Interpol no domingo. As mortes de outros três foram confirmadas pelas autoridades israelenses depois do ataque do Hamas: Ranaani Glazer, 24 anos; Bruna Valeanu, 24; e Karla Stelzer, 42.

Até agora, mais de seis mil pessoas morreram na guerra no Oriente Médio — somente na Faixa de Gaza, foram contabilizados 4.651 óbitos e 14.245 feridos. A região está há semanas sob intenso bombardeio pelas forças israelenses. Em Israel, são 1,4 mil mortos, a maioria dos ataques iniciais do Hamas. (VC)

Reprodução/Página pessoal



Michel está desaparecido desde o dia do ataque do Hamas

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Entre o peronismo e o anarco-capitalismo

O que não falta são tangos para embalar os corações argentinos na sucessão do presidente Alberto Fernández. No segundo turno, terão que escolher entre *Volver* — *Volver con la frente marchita/Las nieves del tiempo platearon mi sien/Sentir que es un soplo la vida/Que veinte años no es nada (Voltar com a testa franzida/As neves do tempo pratearam minhas têmporas/Sentir que se é um sopro de vida/Que vinte anos não são nada)* —, clássico de Carlos Gardel e seu parceiro paulista Alfredo Le Pera, e *Balada para un loco* — *Loco! Loco! Loco! Como un acróbata demente saltaré sobre el abismo de tu escotel hasta sentir que enloquecí tu corazón de libertad... (Louco! Louco! Louco! Como un acróbata demente saltaré sobre o abismo do teu decotel até sentir que enlouqueci o teu coração de liberdade...)*, de Astor Piazzolla e o poeta uruguaio Horácio Ferrer.

Depois de ir às urnas no domingo, a Argentina está entre o passado peronista do atual ministro da Fazenda, Sergio Massa, que protagonizou uma espetacular virada eleitoral após as primárias

(quando ficou em terceiro), ao obter 36% dos votos, e o inusitado anarco-capitalismo de Javier Milei, que era favorito na maioria das pesquisas e obteve 30%. A ex-ministra Patricia Bullrich, terceira força eleitoral e candidata de centro-direita, obteve 26% dos votos.

O número de eleitores que compareceram ao pleito foi o menor desde o retorno da democracia: 74%. Apesar da vantagem de Massa, a eleição continua indefinida, devido principalmente à instabilidade econômica, que deve aumentar nesses 30 dias até o segundo turno, em 19 de novembro.

A crise cambial e a inflação atormentam os argentinos há décadas. Em setembro, a inflação anual chegou a 138% e o dólar no câmbio negro ultrapassou mil pesos. O presidente Alberto Fernández, com baixíssima aprovação, sumiu da campanha eleitoral para não queimar o filme de Massa.

Entretanto, o resultado mostrou a força política do peronismo, em especial na região da Grande Buenos Aires, que reúne o maior número de eleitores do país. Na disputa para governador da

provincia de Buenos Aires, o peronista Axel Kicillof garantiu a reeleição em primeiro turno, com 45% dos votos, e uma larga vantagem sobre os adversários.

Milei se projetou como alternativa de poder com a bandeira da dolarização da economia, mas a criação da expectativa de que venceria no primeiro turno, que foi sua tática eleitoral, acabou desconstruída pelo medo do eleitorado conservador em relação às suas propostas, entre as quais a de liberar o uso de armas. Resultado: comparado ao ex-presidente Jair Bolsonaro por seus próprios aliados e, por isso, confrontado pelos peronistas, Milei foi estigmatizado e obteve o mesmo índice de votos das primárias.

Populismo e “iliberalismo”

Entretanto, as primeiras pesquisas após o primeiro turno estão mostrando que Milei permanece no páreo. Pela primeira vez, desde o fim da ditadura militar (1976-1983), a polarização entre peronistas e liberais foi rompida. Complicado avaliar que ambos são populistas,

um de esquerda e outro de direita. Como diria o filósofo Isaiah Berlin, citado pelo historiador brasileiro Alberto Aggio (*Um lugar no mundo, estudos de história política latino-americana*, Fundação Astrojildo Pereira/Fondazione Istituto Gramsci), “o populismo é um sapato para o qual existe um pé em algum lugar, tamanha a vulgarização do conceito”.

Massa representa o centro do Partido Justicialista, mas tem o apoio de Cristina Kirchner, de centro-esquerda. O peronismo possui espectros que vão da direita à esquerda, dependendo de suas lideranças. De certa forma, sua candidatura encerra um ciclo de disputa interna no Partido Justicialista.

Qualquer que seja o resultado da eleição, o vencedor terá que negociar com o Congresso. Nesse aspecto, Milei melhorou de condição, pois conseguiu eleger 35 deputados e oito senadores. Massa, porém, acena ao centro e promete encerrar os 20 anos do modelo kirchnerista, que vivia às turras com o mercado.

Mas o que é o populismo? Segundo Aggio, o populismo emergiu num

cenário de crise de liberalismo e de ascensão de massas na América Latina. Buscava a construção de uma sociedade industrial e moderna, politicamente orientada pelo Estado, incorporando os trabalhadores assalariados por meio dos direitos sociais, porém, sem rupturas violentas. Com isso, interdito a passagem clássica à modernidade pela integração plena da sociedade às estruturas políticas da democracia liberal.

A redemocratização da América Latina, após a derrocada das ditaduras militares da região, produziu uma espécie de “revanche do populismo”, cuja tradução mais tosca seria o bolivarianismo de Hugo Chávez na Venezuela. A intolerância, o antipluralismo e o autoritarismo colocaram a recidiva populista no campo do regressivo político, o que, de certa forma, abriu espaço para algo muito pior: o “iliberalismo”, encarnado por Bolsonaro, no Brasil, e outros líderes de extrema direita, no mundo. O anarco-capitalismo de Milei está mais para esse lado do que para o populismo.